CONTACÃO DE HISTÓRIA: O IMPACTO DA BIOGRAFIA DE CAROLINA MARIA DE JESUS NA FORMAÇÃO DE UMA ESCOLA ANTIRRACISTA

Raíres Marques Silva[1]; Jaysa Rayssa Viriato Carlos[2]; Rachel Rachelley Matos Monteiro[3]

[1]Graduanda em Pedagogia e bolsista de Iniciação à Docência
Fortaleza, Ceará, Brasil
E-mail: raires.marques@aluno.uece.br
[2]Graduanda em Pedagogia e bolsista de Iniciação à Docência
jaysa.rayssa@aluno.uece.br
[3]Licenciada em Pedagogia e Mestra em Educação pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), Professora Supervisora do PIBID
rachelrachelley.matos@educacao.fortaleza.ce.gov.br

Introdução

Ao analisarmos a história do Brasil, observamos a recorrente ausência de protagonismo feminino, sobretudo de mulheres negras, historicamente invisibilizadas por estruturas de machismo e racismo que ainda atravessam a sociedade contemporânea (Ferreira, 2010). Nesse sentido, tal contexto interfere diretamente na construção da identidade, compreendida como um processo dinâmico constituído a partir das vivências, relações sociais e referências culturais dos indivíduos, tornando-se fundamental reconhecer que o racismo estrutural e a herança colonial que carregamos no nosso dia a dia moldam as subjetividades e produzem silenciamentos, especialmente no que se refere às mulheres negras.

Nessa perspectiva, pensar uma educação verdadeiramente antirracista implica desenvolver práticas pedagógicas que valorizem a diversidade, promovam o reconhecimento das diferenças e fortaleçam o pertencimento e a autoestima das nossas crianças negras/pardas, sendo, portanto, um espaço potente para transformação social (Hooks, 2013). Com esse propósito, o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID/UECE) desenvolveu um projeto com alunos do 5º ano de uma Escola Municipal de Fortaleza, voltado à reflexão sobre identidade, diversidade e valorização das identidades negras no contexto escolar. Durante o desenvolvimento das atividades, as crianças analisaram criticamente textos com expressões racistas presentes no nosso cotidiano, promovendo debates que possibilitaram a problematização dessas práticas. Em seguida, foram apresentadas produções e trajetórias de intelectuais negras como Angela Davis, Bell Hooks, Conceição Evaristo e Djamila Ribeiro, ampliando o repertório cultural e crítico dos alunos.

Como culminância, os estudantes elaboraram um jornal com base nos conhecimentos construídos ao longo do projeto, exercitando a autoria e a reflexão crítica. Posteriormente, a apresentação da trajetória de Carolina Maria de Jesus possibilitou aprofundar discussões

sobre identidade individual e coletiva no contexto da educação antirracista. Sua obra, intitulada como *Quarto de despejo: diário de uma favelada,* publicada no ano de 1960, é marcada pela denúncia das desigualdades sociais e pela afirmação de uma escrita que emerge das margens, reforçando o papel da literatura como instrumento de resistência e conscientização.

Dessa forma, este trabalho tem como objetivo refletir sobre o impacto da contação da história de Carolina Maria de Jesus na promoção de pensamentos críticos e na construção de uma escola antirracista, considerando que, como evidencia a própria autora, as desigualdades sociais são historicamente produzidas e mantidas.

Metodologia

Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, de caráter descritivo, desenvolvida no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) do curso de Pedagogia, em uma turma do 5º ano do Ensino Fundamental. A proposta metodológica se fundamenta em práticas pedagógicas voltadas à educação antirracista e à valorização da identidade negra brasileira. A escolha pela abordagem qualitativa se justifica por sua centralidade na compreensão de fenômenos sociais a partir dos significados, percepções e experiências dos sujeitos envolvidos, conforme destaca Minayo (2016). Assim, a investigação se deu de forma processual, acompanhando o desenvolvimento das práticas pedagógicas e suas repercussões na formação crítica dos estudantes.

No que se refere aos procedimentos metodológicos, foram realizadas atividades como leitura e análise de textos com conteúdos racistas presentes no cotidiano, debates, apresentação de trajetórias de intelectuais negras e a produção de um jornal sobre mulheres negras que constroem uma ciência decolonial e inclusiva.

Foram apresentadas produções e trajetórias de intelectuais negras, como Angela Davis**,** Bell Hooks, Conceição Evaristo, Maria Carolina de Jesus, Maria Antonieta e Lélia Gonzalez. Em seguida, os alunos elaboraram um jornal, no qual sistematizaram os conhecimentos construídos ao longo das atividades. Posteriormente, foi realizada a contação da história de Carolina Maria de Jesus, cuja narrativa mostra que “a vida tem sido preta”, permitindo reflexões sobre identidade e desigualdade. No final do projeto, desenvolvemos uma atividade de colagem voltada à construção da identidade, em que os estudantes produziram autorretratos e incluíram imagens ou desenhos que representassem seus gostos e interesses pessoais.

Resultados e discussões

Entre vozes silenciadas e histórias por muito tempo invisibilizadas, emergem narrativas que rompem o silêncio e reivindicam existência. São memórias que atravessam o tempo, marcadas pela dor, pela resistência e pela insistência em existir, mesmo diante da negação. No espaço da sala de aula, quando essas vozes encontram escuta, não apenas contamos histórias: semeamos pertencimento, despertamos consciências e tecemos identidades que, muitas vezes, ainda não encontraram lugar nas experiências das nossas crianças. Cada palavra compartilhada, então, se torna gesto político e cada experiência narrada se transforma em possibilidade de reconhecimento.

Nesse movimento, a escuta se converte em prática pedagógica e o conhecimento ganha novos sentidos, ancorados na vivência e na pluralidade. Assim, a escola deixa de ser apenas um espaço de transmissão de conteúdos e passa a constituir-se como território de disputa simbólica, onde diferentes saberes emergem, são reconhecidos, valorizados e legitimados. As atividades desenvolvidas evidenciaram significativo engajamento dos estudantes, especialmente nos momentos de discussão e reflexão sobre as trajetórias das intelectuais negras apresentadas. Tal envolvimento pode ser compreendido à luz da Lei 10.639/2003, que estabelece a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, reforçando a necessidade de práticas pedagógicas comprometidas com a valorização da população negra e o enfrentamento do racismo no contexto escolar. Dessa forma, a lei além de regulamentar os conteúdos curriculares, ela exige uma reconfiguração da forma como se ensina a história do Brasil, desnaturalizando a escravidão e promovendo o reconhecimento das múltiplas identidades africanas, suas religiões, economias, línguas e trajetórias históricas.

De acordo com Figueiredo (2016), a Lei 10.639/2003 traça um caminho para uma abordagem crítica da história nacional, mas sua implementação depende da construção perceptiva de como essa estrada está sendo efetivamente formada. Ou seja, é preciso que a legislação não se restrinja à formalidade curricular, mas se concretize nas práticas cotidianas da escola, nas atividades pedagógicas e nas experiências de aprendizagem que possibilitem aos educandos compreender e refletir sobre as desigualdades raciais e sociohistóricas. Nesse contexto, Moraes (2025) destaca que, embora a lei esteja em vigor há quase duas décadas, as escolas brasileiras ainda reproduzem narrativas eurocêntricas e silenciam os saberes afro-brasileiros e africanos, limitando o potencial transformador da educação.

Desse modo, a implementação efetiva de uma educação antirracista exige mais do que conteúdo programático; demanda práticas pedagógicas engajadas, capazes de promover reflexão crítica, diálogo e valorização das experiências de vida dos estudantes, especialmente daqueles historicamente marginalizados. Nesse sentido, as atividades desenvolvidas evidenciaram significativo engajamento dos estudantes, sobretudo nos momentos de discussão e reflexão sobre as trajetórias das intelectuais apresentadas. Durante os debates, uma das alunas destacou que a maioria das escritoras estudadas também atuavam como professoras, com exceção de Carolina Maria de Jesus. Essa observação possibilitou problematizar as diferentes trajetórias de vida e formas de produção do conhecimento, rompendo com visões hegemônicas que tradicionalmente legitimam apenas determinados percursos acadêmicos.

A partir da contação da história de Carolina Maria de Jesus, as crianças passaram a compreender aspectos relacionados à autonomia, à luta pela sobrevivência e ao enfrentamento das desigualdades sociais, sentindo a força de sua escrita atravessando o tempo e os espaços da escola. Ao conhecerem sua trajetória, desde a infância marcada pela pobreza na favela do Canindé, em São Paulo, até a publicação do diário *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, que revelou ao país a realidade da fome e da exclusão social, elas puderam perceber como Carolina transformou suas experiências em escrita, utilizando a literatura como instrumento de denúncia, resistência e afirmação de sua identidade. Perceberam, também, que cada palavra do livro não era apenas um relato de fome e sofrimento, mas um ato de resistência, uma ponte entre a dor individual e a transformação coletiva.

Nesse encontro com a literatura, as crianças compreenderam que a palavra tem poder: de revelar realidades ocultas, de dar voz aos silenciados e de provocar mudanças, seja na sociedade ou em si mesmas.

Essa percepção desperta a consciência de que suas próprias experiências e narrativas também têm valor e podem ser compartilhadas, reinterpretadas e reconhecidas, porque, conforme o conceito da escrevivência cunhado pela intelectual brasileira Conceição Evaristo (2017), nossas histórias e experiências importam e merecem ser contadas. A literatura, nesse contexto, deixou de ser um conteúdo distante para se tornar instrumento de pertencimento, identidade e empoderamento. Ao perceber que a escrita pode abrir caminhos, denunciar injustiças e transformar vidas, as crianças passam a reconhecer o conhecimento como prática de liberdade e resistência, na qual aprender é também se reconhecer como sujeito capaz de agir e transformar o mundo ao seu redor.

Conclusões

A experiência desenvolvida com a contação da história de Carolina Maria de Jesus evidenciou que a literatura é um instrumento de transmissão de conhecimento, bem como uma poderosa ferramenta de transformação social, capaz de provocar reflexões sobre desigualdades, pertencimento e identidade. Ao ouvir a voz de Carolina ecoando pelos corredores da escola, marcada pela resistência, autonomia e produção de sentidos a partir da própria vivência, as crianças puderam sentir que cada palavra escrita é também um gesto de coragem. Perceberam que a literatura não apenas conta histórias, mas abre janelas para mundos invisíveis, dá forma às experiências silenciadas e convida cada leitor a se reconhecer no outro, construindo consciência e inspirando vidas a se afirmarem, resistirem e florescerem, mesmo nas margens onde tantas histórias esperaram para ser contadas.

E, nesse diálogo entre passado e presente, percebemos que nossas próprias vozes também podem atravessar fronteiras e transformar realidades. Cada desenho, cada autorretrato, cada produção no jornal se tornou um manifesto de existência e um passo na construção de identidade. Apropriando-se da palavra e da escrita como ferramentas de liberdade, aprenderam que educar é também ensinar a se reconhecer, a se valorizar e a lutar por uma sociedade mais justa.

O projeto demonstrou que práticas pedagógicas intencionalmente voltadas à valorização da cultura afro-brasileira e das narrativas negras podem ampliar o repertório cultural dos estudantes, fortalecer sua autoestima e consolidar uma consciência crítica sobre o racismo estrutural e as desigualdades históricas. Ao problematizar trajetórias de intelectuais negras como Angela Davis, Bell Hooks, Conceição Evaristo e Djamila Ribeiro, e ao produzir o jornal e atividades de autorrepresentação, os alunos vivenciaram a educação como prática de liberdade, no sentido proposto por Paulo Freire e Bell Hooks. Dessa forma, a contação da história de Carolina Maria de Jesus se revelou um eixo central para a construção de uma escola antirracista, capaz de legitimar saberes historicamente invisibilizados e de incentivar o protagonismo dos estudantes na produção de conhecimento.

Reforçamos que a implementação da Lei 10.639/2003 só se concretiza quando as práticas pedagógicas transcendem a formalidade curricular, transformando o espaço escolar em um território de reflexão, empatia, resistência e valorização da diversidade. Por fim, reconhecer e narrar histórias de vida que emergem das margens é, ao mesmo tempo, ato pedagógico e político: é ensinar, aprender e transformar, lembrando sempre que a literatura,

quando vivida e sentida, tem o poder de mudar vidas e formar sujeitos críticos, conscientes e engajados.

Palavras-chave: Mulheres negras; Narrativas negras; PIBID; Racismo; Antirracismo.

Referências Bibliográficas

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira". Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 2003.

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória.** 1.ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio: o dicionário da língua portuguesa.** Curitiba: Positivo, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 17. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FIGUEIREDO, Renata Moraes. O ensino de cultura e história afro-brasileira e indígena na educação básica: o desafio de professores, alunos e ações governamentais**. História e Perspectivas**, Uberlândia, v. 28, n. 53, p. 239-263, jan./jun. 2016. Disponível em: >https://seer.ufu.br/index.php/historiaperspectivas/article/view/32775< Acesso em: 20 de agosto de 2025.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir:** a educação como prática da liberdade. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo:** diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 1960.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio da pesquisa social. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.); DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade**.** Petrópolis: Editora Vozes, 2016.

MORAES, Jhon Cesar Pereira. Educação Antirracista na prática escolar: um diálogo entre história, linguagem e subjetividade. **Aracê**, *[*S. l.*]*, v. 7, n. 9, p.e7806, 2025. Disponível em: https://periodicos.newsciencepubl.com/arace/article/view/7806. Acesso em: 29 mar. 2026.